

Instituto de Desenvolvimento
Sustentável Mamirauá



Macaqueiro

Ano XV | Nº 70 | Mar/Abr de 2015 | Tefé (AM) | Brasil | ISSN 2317-4587

Rio Jutaí: diversidade ecológica e beleza natural

Parceria entre Instituto Mamirauá e ICMBio viabiliza o desenvolvimento de pesquisas científicas em Unidades de Conservação do rio Jutaí, no Amazonas

Nesta edição

Fato

Software vai medir impacto da pressão humana em florestas inundáveis

03

Produzimos

Conheça as novas publicações do Instituto Mamirauá

04

A palavra é...

Jutaí

05

Projeto

Pesquisa avalia ecologia e potencial produtivo de óleos de andiroba e copaíba

06

Reportagem especial

Rio Jutaí: diversidade ecológica e beleza natural

08

Notas

Confira alguns dos nossos destaques

13

Pesquisa

Jovens da Reserva Amanã, no Amazonas, realizam exposição fotográfica

14

Fotografia

Registro do pequeno zogue-zogue em expedição ao sul do Amazonas

16

O inventário visa desde a identificação dos animais até a análise da história evolutiva dos grupos, considerando a possível presença de espécies raras, endêmicas ou ainda não descritas na região do rio Jutaí



EXPEDIENTE

Software vai medir impacto da pressão humana em florestas inundáveis

Por Eunice Venturi

O Instituto Mamirauá, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais e a Universidade Federal do Pará lançaram um software para medir o impacto da pressão humana em florestas inundáveis. O Índice de Antropização de Florestas Inundáveis (Iafi), disponível para download no site do Instituto Mamirauá (www.mamiraua.org.br/iafi), resulta em um dado numérico obtido a partir da análise de 15 indicadores de pressão humana. Esse dado poderá variar entre zero (áreas sem impacto) e um (áreas com muito impacto).

“O Iafi surge como uma referência e importante ferramenta para identificar e quantificar essa pressão humana para o desenvolvimento de estratégias de conservação. A importância de entender e monitorar estas mudanças está ligada à definição de melhores estratégias para conservação e ao desenvolvimento sustentável desses ambientes”, disse o pesquisador associado do Instituto Mamirauá, José Leonardo Magalhães. O projeto foi concebido ao longo dos últimos quatro anos, e os quinze indicadores estão divididos em três grupos. Cada indicador, em cada um desses grupos, possui um peso diferenciado, variando entre um e dois pontos.

O primeiro grupo de análise tem por objetivo medir os impactos que geram perda de biodiversidade, como a exploração de produtos não-madeireiros e a caça. O segundo avalia perturbações que implicam em destruição do ecossistema. Entre estas estão a pecuária, a extração de madeira, a agricultura, os vestígios de ação humana e as clareiras. O últi-



Edu Coelho

O software já foi implementado em oito paisagens, desde a fronteira Brasil-Colômbia até a foz do rio Amazonas, identificando níveis de impacto humano

mo grupo reúne indicadores que geram tanto perda de biodiversidade como destruição do ecossistema. É o caso de fogueiras e mineração.

Ao baixar o programa, o usuário poderá acessar um pequeno manual de fácil utilização, que também traz orientações sobre a coleta de dados em campo. A proposta é que o Iafi ajude a identificar áreas que precisam receber intervenções públicas ou privadas. “O desafio de sistematizar indicadores que reflitam apropriadamente os níveis de impacto

humano e, além disso, agregar as diferentes histórias de ocupação de cada local é grande devido à extensão continental do bioma amazônico. Nosso grupo de pesquisa tem se esforçado para aplicar o Iafi em vários sítios da calha dos rios Solimões-Amazonas. Ao longo dos últimos quatro anos, ele já foi implementado em oito paisagens que incluem locais desde a fronteira do Brasil com a Colômbia até a foz do rio Amazonas”, afirmou o pesquisador.

Confira as últimas produções científicas e técnicas do Instituto Mamirauá

Edição de Amanda Lelis

Povos indígenas e o boto-vermelho

Foi publicado no volume 10, da revista científica Uakari, o artigo “Experiências de encantamento e a relação dos Miranha do Cuiú-Cuiú e os botos vermelhos (*Inia geoffrensis*)”. O artigo, de autoria de Juliana Cabral de Oliveira Dutra (UFMG) e Rafael Barbi (Instituto Mamirauá), analisa a relação entre esse povo e o boto-vermelho, buscando entender como a crença em histórias e lendas pode estar ligada às práticas de predação do animal. Os autores refletem a importância da compreensão e valorização das cosmologias amazônicas na elaboração e execução de iniciativas de conservação nessa região.



Amanda Lelis



Amanda Lelis

Territorialidade e uso dos recursos naturais

Na mesma edição da revista científica Uakari também foi publicado o artigo “Territórios, parentesco e estratégias de controle de recursos naturais na região do Japurá-Maraã, AM”. A publicação é assinada por Edna Ferreira Alencar (UFPA), Isabel Soares de Sousa e Ana Cláudia Torres Gonçalves (Instituto Mamirauá). No artigo, as autoras destacam características da territorialidade de grupos que ocupam comunidades da região do Japurá-Maraã (Reservas Mamirauá e Amanã, no Amazonas). O artigo é resultado de pesquisa que, através de mapeamentos de territórios comunitários, identifica conflitos em relação ao acesso aos recursos naturais em áreas de manejo de pesca. Os dados apontam que a mobilidade geográfica das famílias contribuiu para a formação de territórios com lagos e terras ricas em recursos vegetais; indicam também que a construção de relações de sociabilidade e controle do acesso aos recursos prioriza membros de um mesmo grupo de parentesco.

Mulheres e a pesca

O artigo “Questões de gênero em projetos de manejo de recursos pesqueiros nas Reservas de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Amanã, Amazonas” foi publicado recentemente no livro “Pesca, Turismo e Meio Ambiente”, organizado por Rosário de Fátima Andrade Leitão. O artigo, assinado por Edna Alencar, Isabel Soares de Sousa e Ana Cláudia Torres Gonçalves, apresenta algumas considerações sobre a participação das mulheres pescadoras no manejo de recursos pesqueiros, apontando as características dessa atividade, a forma de organização do trabalho, a geração de renda e a relevância para a subsistência da família. A publicação foi feita com base em pesquisa que caracteriza o trabalho e o perfil das mulheres que participam de projetos de manejo de pesca nas Reservas Mamirauá e Amanã. Desenvolvido desde 2013, o projeto de pesquisa tem o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e do Instituto Mamirauá.



Unice Venturi

Para conhecer estas publicações, acesse a área de “Publicações” do site do Instituto Mamirauá em www.mamiraua.org.br/publicacoes.

Boa leitura!



A palavra é... Jutai

Afluente do rio Solimões, o rio Jutai dá nome não somente à cidade localizada na sua foz, como também a duas Unidades de Conservação (UC's) localizadas ao longo de seu curso. Essas unidades, assim como outras da região, foram criadas com o intuito de proteger a biodiversidade, garantir a segurança alimentar e a tradição das populações ribeirinhas. Apesar de existirem há muitos anos, pouco se conhece sobre a riqueza de espécies, sobre o uso dos recursos naturais e o arranjo socioeconômico destas áreas.

Devido à importância destas informações para o desenvolvimento e execução dos Planos de Manejo, o Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, em conjunto com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), iniciou uma parceria para

a realização de pesquisas em UC's localizadas na região do Médio Solimões até o ano de 2017.

O primeiro fruto desta parceria foi a execução da Expedição Jutai, em 2014, tendo como alvos as UC's Resex do Rio Jutai e Esec Jutai-Solimões. Através de métodos específicos, tanto para encontrar diferentes organismos, quanto para traçar o perfil social da população ribeirinha, as equipes multidisciplinares do Instituto passaram mais de 30 dias embarcadas na região, visitando 21 comunidades.

Dentre os resultados já obtidos para as duas UC's, está a confirmação da ocorrência de pelo menos 437 espécies de animais terrestres, incluindo macacos, morcegos, roedores, aves, lagartos, serpentes e sapos. E esse número tende ainda a aumentar, à medida que os dados são avaliados.

Essa primeira expedição mostrou-se tão promissora, que três outras já foram realizadas à área, na busca de mais dados sobre espécies de grande interesse científico. Informações sobre a diversidade de peixes e plantas, assim como os resultados de cunho social estão, também, em processo de análise. Logo, o conhecimento gerado sobre a região será divulgado na forma de artigos acadêmicos, relatórios, publicações direcionadas e em reuniões entre pesquisadores, gestores e moradores locais.

Espera-se que, com a parceria entre o Instituto e o ICMBio, seja possível desenvolver ou revisar planos de gestão para estas áreas protegidas que não apenas assegurem a conservação da biodiversidade, mas respeitem os modos de vida das populações ribeirinhas, tão ligadas e dependentes destes recursos naturais.

“ Dentre os resultados já obtidos para as duas UC's, está a confirmação da ocorrência de pelo menos 437 espécies de animais, incluindo macacos, morcegos, roedores, aves, lagartos, serpentes e sapos. E esse número tende a aumentar à medida que os dados são avaliados. ”

Jonas Gonçalves

Grupo de Pesquisa em Ecologia de Vertebrados Terrestres



Jonas Gonçalves / Arquivo Pessoal

Pesquisa avalia ecologia e potencial produtivo de óleos de andiroba e copaíba

Por Vanessa Eying

Os óleos de copaíba e andiroba são tradicionalmente utilizados na Amazônia por suas propriedades terapêuticas e medicinais. Com o objetivo de reunir informações sobre as duas espécies e buscar possibilidades viáveis de manejo dos óleos produzidos pelas populações locais, desde 2014, o Instituto Mamirauá desenvolve o projeto “Ecologia e Potencial Produtivo de Andiroba e Copaíba nas Reservas Amanã e Mamirauá”.

O projeto envolve ações de pesquisa e de extensão. No âmbito da pesquisa, busca-se compreender aspectos biológicos sobre as copaibeiras e andirobeiras, o que significa avaliar a estrutura e a distribuição dos

indivíduos, quantificar a produção de sementes de andiroba e verificar o rendimento de óleo das espécies, por exemplo. O óleo de andiroba é extraído das sementes, e o de copaíba é retirado do tronco das árvores.

De acordo com a pesquisadora do Instituto Mamirauá, Emanuelle Raiol Pinto, o primeiro passo do projeto foi avaliar onde estão os extrativistas. “Questionários norteiam a conversa com os comunitários. Queremos identificar o conhecimento ecológico local sobre as andirobeiras e as copaibeiras, o uso dos recursos provenientes destas espécies, o conhecimento da extração do óleo, bem como sua produção atual, verificando o inte-

resse dos comunitários em melhorias tecnológicas para a extração e o armazenamento dos óleos”, afirma a pesquisadora.

As ações de extensão estão programadas para o segundo semestre de 2015. “Planejamos fazer uma experimentação de extração de óleo de andiroba por meio de prensa. Estamos estudando qual o modelo de prensa é o mais adequado para o uso das comunidades, melhor adaptada à realidade local. Para a copaíba vamos fazer uma experimentação com o trado”, reforça Emanuelle. Para experimentar técnicas, também pretende-se promover capacitações.

No final do ano, aproveitando o período de seca, também está planejada a implementação de um experimento de coleta de semente de andiroba. “Estamos pensando em colocar uma rede sobre a projeção da copa da árvore, para tentar captar as sementes, dessa forma será possível avaliar o potencial produtivo das árvores”, projeta a pesquisadora. No experimento proposto, as sementes passarão por um processo de secagem, de trituração e



O óleo de andiroba é extraído das sementes

Emmanuelle Raiol

de prensagem. O resultado desse processo, o óleo, também vai passar por análises químicas.

“A gente acredita que promover atividades produtivas, que podem gerar um ganho econômico alternativo para as comunidades, por meio do manejo sustentável dos produtos florestais não-madeireiros, seja uma importante ferramenta para a conservação e valorização da floresta em pé”, ressalta Emanuelle.

*Estas ações fazem parte do projeto “Participação e Sustentabilidade: o Uso Adequado da Biodiversidade e a Redução das Emissões de Carbono nas Florestas da Amazônia Central” – BioREC – desenvolvido pelo Instituto Mamirauá, com financiamento do Fundo Amazônia.



Após essa primeira fase, pretende-se dar sequência ao tema, pesquisando também a viabilidade econômica da extração de óleos



Nesse ano, alguns grupos de manejadores também foram apresentados ao método de cubagem geométrico

Márcio Abreu

Manejo Florestal

De 19 a 21 de fevereiro foi realizado o XIV Encontro de Manejadores Florestais da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. O evento aconteceu na Câmara de Vereadores do município de Uarini (AM), e reuniu manejadores e instituições para avaliação e planejamento das ações de manejo florestal. O encontro foi promovido pela Associação dos Moradores e Usuários da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá – Antônio Martins (Amurmam), com apoio do Instituto Mamirauá, da Fundação Amazônia Sustentável (FAS) e da Prefeitura Municipal de Uarini.

Além disso, foram realizadas capacitações com manejadores florestais comunitários da Reserva Mamirauá, durante o mês de janeiro. O grupo desenvolveu, com apoio técnico, atividades de levantamento de estoque, exploração com impacto reduzido, cubagem e medição de clareira. Cada capacitação representa uma etapa do manejo e acontece durante a realização da própria atividade. “Reforçamos as técnicas para que o manejo seja feito da melhor maneira possível, inclusive envolvendo questões de segurança do trabalho”, conta Márcio Abreu, engenheiro florestal do Instituto Mamirauá.

Rio Jutai:

diversidade ecológica e beleza natural

Parceria entre Instituto Mamirauá e ICMBio viabiliza o desenvolvimento de pesquisas científicas em Unidades de Conservação do rio Jutai, no Amazonas

Por Amanda Lelis

Pelos igapós e matas da região do rio Jutai, atenção integral. Nada de conversas, apenas se ouve os barulhos da mata, o oco dos frutos caindo sobre a água, o canto dos pássaros, o urro dos guaribas. Por entre os igapós, silêncio absoluto. A canoa transcorre calmamente pelas águas, e a equipe sobre ela mantém os sentidos aguçados e a observação atenta à vida selvagem da região.

A cena descrita foi recorrente em fevereiro, durante a expedição realizada pela equipe de pesquisadores e assistentes de campo do Instituto Mamirauá à Estação Ecológica Jutai- Solimões (Esec) e à Reserva Extrativista do Rio Jutai (Resex), ambas no oeste do estado do Amazonas. A iniciativa, em par-

ceria com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), visa realizar projetos de pesquisa nessas Unidades de Conservação, para produzir um inventário da fauna da região. No caso da Resex, será realizado também um levantamento socioeconômico com as populações humanas que vivem em comunidades da região.

“É um trabalho completo, no sentido de envolver uma diversidade de grupos de seres vivos, e uma diversidade de abordagens, incluindo a parte social. O potencial da área é grande, e o trabalho tende a contribuir bastante para o entendimento desse cenário”, afirmou Felipe Ennes, pesquisador do Instituto Mamirauá.

Jonas Gonçalves

Moradores locais contribuem com informações relevantes para as pesquisas

Alex Coelho

Equipes do Instituto Mamirauá e ICMBio durante reunião com uma das comunidades envolvidas no trabalho

Amanda Lelis



O levantamento da biodiversidade de peixes é realizado em diferentes ambientes ao longo das Unidades de Conservação

Amanda Lelis



A Resex do Rio Jutai foi criada em 2002 e possui uma área de cerca de 275.500 hectares. Por sua vez, a Esec de Jutai-Solimões possui mais de 30 anos de criação (1983), e compreende uma extensão de cerca de 289.500 hectares. Embora sejam Unidades de Conservação criadas há bastante tempo, ricas em biodiversidade e consideradas áreas de relevante importância ecológica pela Unesco, ainda existe pouco conhecimento científico sobre a região.

A parceria entre as instituições vai viabilizar a realização do inventário da biodiversidade de peixes, aves, primatas, quirópteros, répteis, anfíbios e fauna cinagética, animais estes comumente utilizados na caça de subsistência, como é o exemplo de pacas, veados e antas.

A realização dos estudos, além de gerar conhecimento científico, pode nortear políticas públicas na área de conservação do meio ambiente, bem como no planejamento socioeconômico para a região, como afirma Rafael Rossato, analista do ICMBio: “Gerando esse conhecimento, podemos entender melhor a Unidade de Conservação para planejar mais adequadamente seu uso, tanto em termos territoriais, quanto em termos de planejamento de ações a serem executadas”.

O conhecimento da diversidade biológica de água doce e o estudo da biodiversidade de peixes nessas unidades de conservação pode responder a questões ecológicas relevantes, já que são considerados indicadores de qualidade do ecossistema, como relata Danielle Pedrociane, pesquisadora do Instituto Mamirauá. “Algumas espécies de peixes podem ser consideradas bioindicadoras. A presença, a ausência, ou a abundância podem indicar o estado atual do ambiente”, afirma.

De acordo com a pesquisadora, o inventário levará em consideração aspectos descritivos, classificatórios e filogenéticos, ou seja,

constará desde a identificação dos animais até a análise da história evolutiva dos grupos, considerando a possível presença de espécies raras, endêmicas ou ainda não descritas na região.

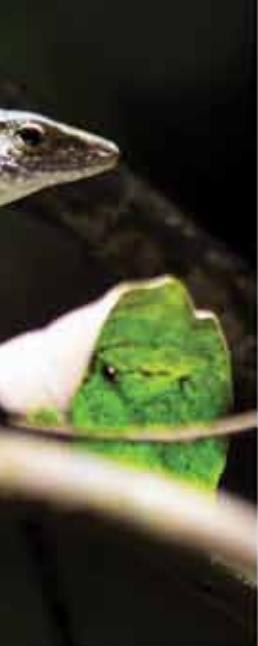
“Poder expandir os estudos para outros locais nos permitirá dar informações à comunidade local e científica. É conhecer o recurso que poderá ser utilizado pelas populações tradicionais, melhorando a sua renda e qualidade de vida. Tudo isso nos permitirá escolher o melhor caminho para buscar medidas de proteção, conservação e uso sustentável dos recursos naturais para esta e futuras gerações na Amazônia”, reforçou a pesquisadora.

Manoel de Lima Lobato mora há três anos na comunidade São João do Acural, na Resex do Rio Jutai. Com 31 anos, já é pai de seis filhos e conta que é um dos beneficiados com o uso sustentável dos recursos na Resex. Para Manoel, “ta numa época boa, muita fruta, macaxeira, farinha. Fatura tanto na agricultura, como na pescaria. A gente trabalha com o plantio da mandioca, da banana também, tudo a gente vende na cidade. A gente trabalha na roça desde criança e, em tempo difícil, a gente vai pescar”.

Nascido e criado na região, Manoel conhece bem o território e a diversidade da fauna local. Ele foi um dos assistentes de campo que guiou os percursos das atividades pelo território da reserva, durante a pesquisa. Contribuiu com os pesquisadores na observação dos animais, identificando as áreas onde poderia haver maior ocorrência de certas espécies.

“Como prever o que tem na natureza: vai de olho pra todo canto, se você vai calado, você consegue ouvir tudo o que está no momento, ali na selva. Você consegue ouvir um cântico de um animal ou um esturro de uma onça. A gente conhece, porque vai prestando atenção. A gente que vive por aqui tem que aprender





**A parceria entre
as instituições vai
viabilizar a realização
do inventário da
biodiversidade
de peixes,
aves, primatas,
quirópteros, répteis
e anfíbios**

Fotos: Amanda Lelis



tudo isso, na mata, tem que ter uma defesa no corpo”, contou Manoel.

Felipe Ennes aponta que o Instituto nasceu de uma proposta de valorização do conhecimento tradicional, contando com o envolvimento e a participação dos comunitários. “Não teria como executar uma pesquisa deste porte se não tivéssemos este *feedback* dos moradores da região sobre as espécies, os locais e as características dos animais. Ao mesmo tempo, conseguimos aproximar os moradores com a realidade da pesquisa científica, o que acaba reforçando a questão da valorização dos recursos naturais e da própria admiração pela biodiversidade em algum nível”, comentou.

Desde o início dos trabalhos, os pesquisadores visitaram as áreas, entrevistando as populações locais e realizando busca ativa, ou seja, percorrendo as trilhas, igapós e rios, e coletando espécies observadas. Já foram feitas quatro expedições para a região.

“O diagnóstico contribui dando suporte para os planos de manejo que ainda vão ser desenvolvidos; ou pode servir para a revisão dos planos de manejo que já existem. Se, por exemplo, o estudo identificar uma espécie endêmica em ameaça, pode se rever o zoneamento ou outras estratégias para proteção da área em que ela vive”, reforçou Rafael, do ICMBio.

A proposta é que as pesquisas sejam realizadas até o ano de 2017. Além dessas duas Unidades de Conservação, outras seis áreas estão compreendidas pelos projetos de pesquisa do Instituto Mamirauá em parceria com o ICMBio: Reservas Extrativistas do Baixo Juruá, Rio Unini e Auati-Paraná, Estação Ecológica Juami-Japurá, Área de Relevante Interesse Ecológico Javari Burity e Floresta Nacional de Tefé.



No levantamento da biodiversidade de peixes, são registradas informações sobre a fisionomia dos ambientes de ocorrência das espécies, e marcados, com ajuda do GPS, os pontos delimitados pela pesquisa



Manoel de Lima, morador da Resex do Rio Jutai, e assistente de campo, foi um dos guias nos percursos das atividades pelo território da reserva

Fotos: Amanda Lelis

■ Nota pública

O Instituto de Mamirauá, o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e o Museu Paraense Emílio Goeldi publicaram uma carta pública por considerarem preocupantes alguns artigos do projeto de lei nº 7735/2014, que atualmente tramita no Congresso Nacional. O projeto trata da exploração do patrimônio genético de plantas e animais nativos e dos conhecimentos tradicionais sobre propriedades e usos de espécies da flora e fauna do Brasil, seus subprodutos, extratos, e outras substâncias. Em fevereiro, o projeto de lei foi aprovado pela Câmara dos Deputados, e seguiu para avaliação e votação no Senado Federal. De acordo com essas instituições de pesquisa, a aprovação do projeto foi positiva, mas carece de mais reflexões, já que não garante que populações locais decidam sobre o acesso ao conhecimento tradicional. Além disso, permite amplo acesso de empresas estrangeiras ao patrimônio genético nacional. A carta, na íntegra, está disponível no site do Instituto Mamirauá (www.mamiraua.org.br/cartapublica). Por Eunice Venturi

■ Nova etapa para alunos do CVT

Os alunos do Centro Vocacional Tecnológico (CVT) “Tecnologias Sociais da Amazônia” já iniciaram o planejamento de seus projetos de conclusão do curso. No dia 27 de fevereiro, alunos do CVT, técnicos e pesquisadores do Instituto Mamirauá participaram do 1º Seminário de Diagnóstico. Cada estudante apresentou seu projeto, tendo sido definidos, durante a explanação, os orientadores que acompanharão o trabalho, por exemplo. As ações de intervenção propostas pelos alunos abrangem as áreas de turismo, de agroecossistemas, de manejo florestal, de pesca e de gestão. Por Vanessa Eyng

■ Seminário de Manejo

De 24 a 26 de fevereiro ocorreu o 4º Seminário Anual de Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Social, promovido pelo Instituto Mamirauá, em Tefé (AM). Cada equipe apresentou um histórico das atividades dos programas, desde que foram iniciados, na década de 1990. Esse resgate do processo de implementação dos diferentes projetos permitiu ao grupo apontar desafios vivenciados e as estratégias empregadas para superá-los, bem como discutir e avaliar os pontos positivos e negativos da assessoria técnica ao longo dos anos. Por Vanessa Eyng



Rafael Forte

■ Dia Mundial das Áreas Úmidas

No dia 02 de fevereiro, data em que se comemora o Dia Mundial das Áreas Úmidas, os jovens da comunidade Boca do Mamirauá, na Reserva Mamirauá (AM), participaram de uma atividade diferenciada. A comunidade foi escolhida pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA) para as comemorações desse dia, com a realização de uma oficina para produção de fotografias, cartas, músicas e notícias, que farão parte do conteúdo da Revista Juventude e Meio Ambiente, do MMA. Também foi iniciada a divulgação do Concurso de Fotos para a Juventude, com o tema Áreas Úmidas, promovido pela Convenção de Ramsar. Por Amanda Lelis



Amanda Lelis

Jovens da Reserva Amanã, no Amazonas, realizam exposição fotográfica

Texto e fotos: Amanda Lelis

Nos dias 07 e 08 de fevereiro, aconteceu a exposição “Fotovoz Reserva Amanã”, que apresentou fotografias e narrativas de moradores de comunidades ribeirinhas do Amazonas. O evento foi uma maneira de mostrar o ponto de vista dos jovens sobre sua realidade, e sobre a rotina das atividades produtivas de suas comunidades.

O projeto Fotovoz foi desenvolvido no segundo semestre de 2014. A exposição reuniu 27 histórias e fo-

tografias produzidas por 25 adolescentes e jovens, com idades entre 12 e 18 anos, moradores de três comunidades ribeirinhas da Reserva Amanã: São João do Ipecaçu, Matusalém e Nova Canaã. O projeto é parte da pesquisa “Uma análise antropológica sobre a eficácia de programas de transferência de renda para a segurança alimentar de populações ribeirinhas”, desenvolvida por Ana Carolina de Lima, pesquisadora do Instituto Mamirauá.

O estudo visa investigar a relação entre a gestão do recurso financeiro e a dieta das mães e adolescentes dessas comunidades. De acordo com Ana, “a ideia é entender como a gestão do recurso financeiro [provinho do bolsa família] no domicílio influencia na dieta; se as mulheres têm autonomia sobre esse recurso, como ele é utilizado, e a sua influência nos produtos que adquirem”, entre outros objetivos.

A pesquisadora destaca que uma das ideias da pesquisa, com base na



A exposição reuniu 27 histórias e fotografias produzidas pelos jovens de comunidades ribeirinhas



A pesquisadora Ana Carolina utilizou a técnica Fotovoz como parte de sua pesquisa em antropologia da alimentação

antropologia da alimentação, “é ver os sentimentos envolvidos na alimentação, avaliar se a má ou a boa nutrição está ligada a algum tipo de alimento, algum tipo de tradição”. A pesquisadora também enfatiza que a técnica do Fotovoz, baseada em fundamentos de Paulo Freire, trabalha a valorização do diálogo, do conhecimento individual, da discussão e do pensamento crítico, o que contribui para o acesso às informações sob o ponto de vista dos jovens.

“O Fotovoz contribui muito para a pesquisa, porque mostra quais atividades produtivas estão ligadas à alimentação e como os meninos veem aquela alimentação. No Fotovoz, eles mostraram a preparação de alimen-

tos, a pesca, a farinha, o cultivo. Trouxeram fotos da rotina, dos problemas deles”, reforçou a pesquisadora.

O grupo recebeu sete câmeras digitais e um tablet para trabalharem durante o período de realização do projeto. A ideia era que eles tivessem a liberdade de escolher os assuntos que consideravam relevantes para serem expostos em fotografia e texto. Ao longo do projeto, foram feitos encontros entre a pesquisadora e os grupos de adolescentes. De acordo com Ana, o processo foi caracterizado por um constante diálogo e reflexão sobre a vida e adolescência na comunidade.

Júnior Xavier de Olivera, de 14 anos, vive na comunidade São João

do Ipecaçu desde que nasceu. Ele falou sobre os aprendizados que teve durante sua participação no projeto Fotovoz, e como ele e os colegas se envolviam na participação, ajudando uns aos outros. “A gente era igualmente um grupo, o tempo todo junto, no grupo, na reunião. Uns não tinham história, a gente ajudava a fazer”, disse.

A pesquisa é parte do doutorado em antropologia de Ana de Lima na Universidade de Indiana (EUA) e é financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela Fundação Nacional de Ciências (NSF), dos EUA, e pelo Instituto Mamirauá.

Instituto de Desenvolvimento
Sustentável Mamirauá



No registro de
Marcelo Santana, o
pequeno zogue-zogue
(*Callicebus bernhardi*)
avistado durante
expedição ao sul do
Amazonas, na região
de confluência dos rios
Roosevelt e Aripuanã

Curta o Instituto Mamirauá nas redes sociais:



Instituto.mamiraua



InstitutoMamiraua

Ministério da
Ciência, Tecnologia
e Inovação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

Endereço para devolução: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá
Estrada do Bexiga, 2.584 | Bairro Fonte Boa | Cx. Postal 38 69.553-225 | Tefé (AM)